

POESIA
COLEÇÃO

Dya Kassembe, Valdeck Almeida de Jesus,
Walter "S" e Eduardo Quive

Brasil e África: laços poéticos



Organização: Valdeck Almeida de Jesus



UNIAO DOS ESCRITORES ANGOLES

Editora das
Letras, S.A.

VALDECK ALMEIDA DE JESUS (ORGANIZADOR)

Autores

VALDECK ALMEIDA DE JESUS (BRASIL)
DYE KASSEMBE (ANGOLA)
WALTER S - UM MERO POETA (ANGOLA)
EDUARDO QUIVE - XINGUIANA DA LUZ (MOÇAMBIQUE)

Brasil e África : laços poéticos

1ª edição

VITÓRIA DA CONQUISTA-BA
GALINHA PULANDO
2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

B823 Brasil e África: laços poéticos / Valdeck Almeida de Jesus (Org.); Dye Kassembe; Walter Santos; Eduardo Quive. Prefácio de Pedro Silva.
1. ed. – Vitória da Conquista, Bahia: Galinha Pulando, 2013.
87 p.; 29 cm.

ISBN: 978-85-66465-04-4

1. Literatura brasileira. 2. Literatura africana. 3. Poesia. I. Jesus, Valdeck Almeida de. II. Kassembe, Dye. III. Santos, Walter. IV. Quive, Eduardo. V. Título.

CDD 869.91

Ficha Catalográfica elaborada por Terezinha Lima Santos CRB-5/1393

Prefácio à obra « Brasil e África: laços poéticos », com autoria compartilhada entre Valdeck Almeida de Jesus, Dye Kassembe, Walter S e Eduardo Quive

Por norma, a feitura de um prefácio consubstancia, em si mesma, a noção de acrescento intelectual. Pode até considerar-se prestigiante ter um determinado prefaciador, tendo em vista o seu currículo pessoal ou profissional. Neste caso em concreto, a Honra é toda minha de poder prefaciador obra de semelhantes poetas. Pudera a minha prosa estar ao nível da poesia destes irmãos literários.

Cada qual, à sua maneira, reproduz os seus sentimentos, eivados de paixão, fremindo com deleite poético. Li e reli, algumas vezes, a obra. Porque nem sempre a poesia, para ser apreciada, deve ser simples. Trata-se aqui de formas de expressão tão repletas de pujança existencial, de sentido estético, que o leitor terá a grata sensação de descoberta. Se o hermetismo não é mera funcionalidade retórica, pois então – desde que aplicado a preceito, como acontece não raras vezes nestas páginas – sublima o efeito final. Como tal, percebo que não é a mão que conduz as suas letras, mas a Alma.

Dispensável será, nesta parte inicial da obra, fazer particular destaque a qualquer um dos poemas ou dos seus redatores. Qual a razão? Muito simples. A homogeneidade é imensa. A qualidade dos autores é insofismável. O término da leitura será idêntico: uma sensação de ser inundado pelo transcendental.

É um paraíso de ébano? Sim, mas não só. Um verdejante vivencial. Um azul luminoso. Um dourado resplandecente. Uma alvura de coração. Tantas cores, tantos cheiros, tantos sabores. Pessoas reais. Visões míticas. A fé presente de forma pujante. O místico da Bahia que se entrelaça indelevelmente com Maputo, Muxima, Lisboa...

Entre a poetisa Dye Kassembe e os poetas Eduardo Quive, Walter S e Valdeck Almeida de Jesus há algo que os distingue em termos de estilo e temáticas adotadas. No entanto, muito os une os termos de paixão por aquilo que fazem. Esse sentimento perpassa, de forma transversal, todo o conjunto de textos aqui reunidos.

Ao longo das páginas deste livro passei, como que em estado de transe intelectual, por uma miscelânea de sensações. Sorri, ri, apaixonei-me, chorei, cogitei. Viajei entre Angola, Brasil e Moçambique. Países irmãos. Unidos por uma língua comum. Senti-me acolhido nos braços de um continente.

Antes de terminar, não posso escamotear a relevância maternal pela qual a África é retratada. Trata-se, sobremaneira, de um elo entre os quatro

autores e, curiosamente, também entre o prefaciador. Afinal, não somos todos filhos da Mãe África?

Pedro Silva
Escritor e Historiador Português

DYE KASSEMBE

Amélia de Fátima Cardoso nasceu em Angola. Aluna exemplar, foi noviça no convento de São José de Cluny onde fez todo ensino secundário.

Licenciada em Ciências Humanas, opção Filosofia Política do Desenvolvimento, na Universidade de Paris VIII St. Denis – França, onde vive há trinta anos.

Também tem o Curso Geral de Enfermagem, feito na França, profissão que exerceu por mais de 20 anos.

Escritora desde os anos 70. Dia Kassemble é o nome do avô materno, e também do sobado que pertence ao reino da Kissama.

E A TERRA PARIU UMA MULHER - POEMAS DO EXÍLIO

AMANHÃ

(Dye Kassembe)

Amanhã quando for
Dia e nascer amor
Amanhã quando a África
Pensar no que fica
Amanhã quando eu nascer
E tudo acontecer
Amanhã quando for dia
E jorrar alegria
Será meu corpo diamante
Minha alma inexistente
Minha África branca
Meu ego
o eco distante
Nos caminhos da história

9 de Maio 1978

DEUSAS DESPIDAS

Negro é um mundo
Mundo do mistério
Mundo em descoberta
Cheio de encantos
Beleza inigualável
pureza maculada
natureza inexplorada
negro é espelho
espelho da sorte
que move montanhas
que oculta feitiços
imaginação longa
nas estradas vazias
negro é contraste
tradições incomparáveis
com almas que se perdem
nos chamamentos do batuke¹
de deusas despidas
com seios de virgens
negro é pecado
plantado no paraíso
de Evas de marfins
de ancas tentadoras
movediças como serpentes
e na manhã serena
quando o dia começa
as estrelas se ocultam
a lua adormece
negro é alvorecer
da madrugada
sempre menina

9 de Maio 1978

¹ Batuque

SADISMO

corre
vai depressa saudade
vai buscar
a mais funda ansiedade
a mais doce recordação
o mais belo momento
vem crucificar-me
corre
vai depressa saudade
percorre as ruas em que morei
as vidas em que vivi
a minha juventude
airosa
florescente
boémia...
corre
vai depressa saudade
busca os amantes que tive
palavras doces ouvidas
beijos fogosos incandescentes
vai saudade
traz tudo isso
vem crucificar-me
corre
vai depressa saudade
buscar os amigos tidos
os filhos sonhados
oportunidades perdidas
lágrimas choradas
braços que me acalentaram
corre
vem depressa saudade
encher este vazio
que o meu corpo falhado
nada tem senão a ti
vem depressa saudade
rir-te
da minha loucura
bebamos
dancemos

é esta a hora
a hora que nos resta
depois de todos abandonarem
ah ! saudade !
fiel amante
sufoca-me nos teus braços
afoga-me com os teus beijos
até que a minha carne
se desfaça em farrapos
que levados pelo vento
viverão o que vivi
cantarão a minha derrota
vem saudade
vem depressa

27 Junho 1978

DESTINO

Perdi-me um dia
Não sei onde
Nem como foi
Não achei rosas
Nem espinhos
Nem fel
Nem mel
Perdi-me um dia
Não sei como aconteceu
Encontrei-me amada
Amei
Maltratada
Sofri
injuriada
Chorei
Perdi-me um dia
E foi por ti

1 Julho 1978

COMBATENTE

Vem meu filho
Firme
Decidido
Mas prudente
Vem meu filho
Porque da alvura
Dos meus cabelos
Restam raros fois
Que cobriam os teus irmãos
Vem meu filho
Antes que se apague o brilho
Tão cobiçado dos meus olhos
Que cada dia arrancam
Levam
para longínquas paragens
Esta pureza nata
Que a natureza me dotou
Vem meu filho
Já quase nada resta
Desta pele
que tem essência
Que o mundo ambiciona
Que faria se faltasse
Parar toda máquina
De fabrico humano
Vem meu filho
A tempo para restituíres
A liberdade rejeitada
Vem meu filho
Do perigo não recues
A morte não temas
Morrer por mim
é viver eternamente
Se te lembrares
Que o meu nome é ANGOLA
E os teus irmãos POVO

10 Setembro 1977

SAUDADE

já cantaram para ti saudade
de ti tudo se disse
é verdade
conheceste amores
fizeram-te louvores
acorrentaram-te
lamentaram-te
condenaram-te
enalteceram-te
tu que conheces a eternidade
tu que te chamas saudade
conheces ardentes paixões
que ao luar fazem canções
Mas o meu coração
A minha paixão
a minha loucura
a minha amargura
se te contasse agora
neste lugar e hora
saudade deixarias de ser
serias então mulher
como eu
sem céu
sem amor
sem dor
sem saudade
sem vaidade
serias mulher
nada mais que um ser
deambuladora no espaço
à procura de abraços
nada mais que ninguém
que tentou ser alguém.

18 Outubro 1978

TU VAIS PARTIR

Amanhã tu partirás
A angústia esmaga
o coração
amanhã não estarás
se ao menos
eu pudesse chorar
mas estou tão vazia
amanhã não estarás
que farei
para quem serei bela
para quem sorrir
a quem falar
amanhã tu não estarás
meu amor
tenho medo da noite
da noite longa
meu amor
tenho medo do silêncio
do silêncio que vem
a cada instante
me falar de ti
meu amor
tenho medo da vida
esta vida
que nos espera
sem promessas
cheia de dúvidas
sem esperanças
cheia de desesperos
meu amor
tenho medo
de ti
que és tu?

25 Outubro 1979

O RETRATO DA VIDA

Lágrima, correntes
Opressão, revolta
Gargalhada
Risos tristes
Sorrisos imaculados
de amor chegando
Olhares sem mágoas
Olhares inquietos
Olhos suplicando
Um pouco do nada
Bocas sedentas
talvez de beijos
rostos radiantes
cheios de esperanças
caminhões chegando,
barcos, aviões
vozes
gritos
berros
murmúrios
choros, soluços
hospitais,
crianças
armas, fome
lágrimas, correntes
parte-se
regressa-se
morre-se
quatro letras
e já no infinito
VIDA

16 Fevereiro 1978

NO TEMPO

Vamos viajar no tempo
Meu amor
Em busca da felicidade
Que perdemos
Filhos da terra
Hoje sem terra
Vamos vivendo
De saudade
Esquecer
Quem nos deserdou
Meu irmão negro
Tão negro
é também o teu mal
Que te perdeste no tempo
Te perdeste na razão
Vamos caminhar no tempo
Nos cajueiros
Nas mulembeiras
nos muxiloxilos
nas goiabeiras
na sombra daquela mangueira
saboreando um pirulito
falemos do nada
porque nada é
o nosso sentir
o nosso viver
o sol vai esconder-se
talvez por mim
por ti
talvez fuja
de mim de ti
talvez nos chame
forasteiros
não ! não chores
foi só imaginação
o nosso sol
fica lá muito longe
este que nos renega
é o sol do exílio
1 de Julho 1978

ANGOLA

clamam por ti
as minhas lágrimas
louca de desejo
de te ver
só ver-te
por ter-te perdido
louca de sentir-te
e sentir-me em ti
quando ! quando,
o teu céu
é tão diferente
o luar
é mais cândido
o mar
o nosso mar
há quanto tempo não o vejo
quanto
se não chega depressa
a aurora morrerei de desgosto
de saber-te perdida
oh ! minha terra
onde a gente é pura
inocente
vazia de mágoas
vítima de potências
doente
por não compreender
humilde como Cristo
pobre
muito rico
por seres assim
é que eu sofro
por ti

18 Março 1978

O POETA

Cheguei
Venho de muito longe
Os anos comeram-me
As guerras destruíram-me
Mas não morri
Sou ainda criança
Sou jovem
Sou adulto
Sou mulher
Sou homem
Sou velho
Sou flor
Sou pássaro
Sou caminho
Sou mar
Sou trovoadas
Sou soldado
Sou raio
Sou uma simples nuvem
Que passa
Levezinha... tão leve
Sou vento
Sou a noite misteriosa
Com os seus feitiços
Sou a madrugada
Que nasce
Todas as manhãs
Sou sol ardente
Que queima
Ilumina
Sou lua
De candura serena
Romântica
Sou monstro
Que assusta
Destrói
Não me criaram
não me fizeram
Nasci! Nasci! Nasci!
Sou poeta

Deus do vácuo
Deus do infindo
Cheguei
Sou poeta
Venho de muito longe

24 Novembro 1975

DONZELA

Primeiro amor
Primeiro beijo
Primeiro bater
De um coração inocente
Tão inocente
De um coração puro
Tão puro
Tão coração
Quantas lágrimas
Chorarás
Ingénuas
Quantas nesse rosto
Oh ! donzela
De amor tão casto
Que desabrocha
Numa aurora
Sem limites
Que pena donzela
Que pena
Quando a vida
Se dignar
Tomar-te
Nos pecaminosos braços
Que pena donzela
Que pena

16 Janeiro 1978

EXILADA

Como vivo morta
Sem morrer
Com desejo de te ver
E não poder
Que negro é
O sepulcro desta vida
Em terras estranhas
De alma perdida

Este vazio
Esta ansiedade
Esta dor e saudade
Esta raiva
Que treslouca
E consome a carne
Já tão pouca

Não é senão
O querer voltar
Voltar e não poder
O ter de ficar
Ficar e não querer

Não é mais
Que a ausência do mar
Da minha ilha
Nas noites de luar
Do muceque Rangel
Sambizanga
Bairro operário
Marçal
Cazenga

BASTA !
Recordar o que é
Viver para que é
Se a alma já a perdi
E a vida a não vivi

15 Abril 1976

VÁCUO

Na luz
Na escuridão
Do silêncio
Na madrugada menina
Nada
No esplendor
Do sol
Raiando alegria
No júbilo de corações
No paraíso dos amores
No entardecer
Nada
No viver da ilusão
No sentir-se feliz
Na solidão
Nada
Ah ! solidão
Mantenha-me assim
No vácuo do regaço
Ah ! solidão
Me queres sem limites
Fazes-me sofrer
Sem alívio
Ah solidão!

22 Agosto 1977

DEPOIS DA GUERRA

O esqueleto apareceu
Risonho
Medonho
A criancinha morreu
O crime aparece
Triunfante
Heroicamente
A criancinha morreu
A vida desapareceu
Acabrunhada
Envergonhada
A criancinha morreu
O ódio cresceu
Fecundo
imundo
a criancinha morreu
o pecado apareceu
temeroso
poderoso
o esqueleto sorriu
a criancinha morreu
o mundo se extinguiu

9 Maio 1978

FLOR MORENA (este poema é de Antônio Morão Correia para a autora)

Nasci do húmus virgem
Das profundezas da terra
Tenho a idade do mundo
Bem registada
Bem marcada
No calendário do tempo
Depois...
Ampliei-me,
Pluralizei-me
Ramifiquei-me
E os meus braços
Famintos do além
Apontaram para o céu
Mas eu sou da terra
Bem da terra
E o meu corpo
Harmonioso e rítmico
Não abandonou o mundo
Voltou à terra mãe
e... floriu
floriu
no esplendor dos meus olhos
cheios de mistério
a desafiarem os astros
floriu
nos meus seios túmidos
de promessas
a garantirem a vida
floriu
na minha boca
ardente de desejos
a prometer amor
e foi assim
que por decreto do senhor
nasceu de mim a flor
flor morena

Julho 1978

VALDECK ALMEIDA DE JESUS (1966) é jornalista, funcionário público, editor, escritor e poeta. Embaixador Universal da Paz, Membro da Academia de Letras do Brasil, Academia de Letras de Jequié, Academia de Cultura da Bahia, Academia de Letras de Teófilo Otoni, Poetas del Mundo, Fala Escritor, Confraria dos Artistas e Poetas pela Paz e da União Brasileira de Escritores. Publicou *“Memorial do Inferno: a saga da família Almeida no Jardim do Éden”*, *“Feitiço contra o feiticeiro”*, *“Valdeck é Prosa e Vanise é Poesia”*, *“30 Anos de Poesia”*, *“Heartache Poems”*, *“Yes, I am gay. So, what? – Alice in Wonderland”*, *“O MST e a Mídia: uma análise do discurso sobre o Movimento dos Sem Terra nos jornais A TARDE online e O Globo online”* (co-autor: Jobson Santana), dentre outros, e participa de quase 100 antologias. Organiza e patrocina o Prêmio Literário Valdeck Almeida de Jesus de Poesia, desde 2005, o qual já lançou mais de 1000 textos. Colabora com os sites Favas Contadas, Artigonal, Web Artigos, Recanto das Letras, Portal Literal, Portal Villas, Pravda, PodCultura, Overmundo, Comunique-se, Dzaí, Difundir, Jornal do Brasil e Só Artigos. Tem textos divulgados nas rádios online Sol (Diadema-SP), Raiz Online (Portugal) e CBN (Globo). Site: www.galinhapulando.com

AFRO(IN)DEPENDENTE

Tenho dois pés na senzala:
Meu pai nasceu em Santo Antônio de Jesus;
Minha mãe em Amargosa.
Amarga vida vivi
Superei, não tive cotas nem reparação.
Antes de despertar a consciência
e de camuflar minha miséria
Com palavras politicamente corretas
Sobrevivi, fui humilhado, fui favelado,
Sofri calado.

Agora faço parte da moda,
Estou contente com os restos,
Cargos de enfeite,
Submissão;
Agora, com gestos comedidos,
Falares enfeitados,
Migalhas da bandeja,
Estou domesticado.
Não sou mais espontâneo,
Não sou mais inspirado.
Só como no potinho, estou pasteurizado.
E minha afrodependência agora
Está longe, no passado.
Perdi a voz, estou calado,
Agora eu sou COMUNIDADE
Não sou mais negro,
Agora, sou AFRODESCENDENTE,
A diferença? Acostumei-me
A ser chamado diferente,
Mas minha vida, como sempre,
É sofrimento, é *apartheid*,
Preciso despertar, gritar,
Pra não ser mais humilhado,
Pra não ficar ACOSTUMADO
Preciso despertar, preciso acordar.
Minha AFRODEPENDÊNCIA
Grita em mim, sou diferente,
No falar, no andar, no vestir,
Preciso me assumir.

PONTES POÉTICAS

Entre o mar e o continente
Sentimentos aflições,
Saudades, lembranças,
Boas e más recordações...

Entre Salvador e Cachoeira
Caminhos, trilhas, sensações,
Rimas, trovas, versos, poeira
Levantada nos corações...

Da capital da alegria
Para a capital da independência
(Agora, ambas em agonia)

Viajava o poeta Damário
Em sua santa penitência
De espalhar seu poemário...

ENCONTROS

Buscas infinitas...

Paz e carinho
Amor, abrigo,
Estar contigo...

Que importam as guerras
Conquistas, alegrias,
Se a volta pra casa
É só nostalgia...?

Terra, Ar, Água, Fogo,
Tudo precisa fazer sentido
E o significado se completa
Somente se estou contigo.

De África ao Brasil
De África ao mundo
Perderam-se laços, abraços,
Mas a raiz persiste
Eu acho que o amor existe!

Lisboa, 21 de abril de 2012

LISBOA, MEU AMOR

Que tens tu em mim?
Por que preciso vir para sentir?
Não é mais perto Brasil-Angola?
Não é mais fácil ir a Cabo Verde,
Guiné e Moçambique?
Por que, Lisboa,
Tu ficas no meio,
Meio poste, meio grade?
Meu sangue precisa correr
Meu espírito precisa viver
Minha África, no coração
Precisa viver...
Me leva, Lisboa...

Lisboa, 21 de abril de 2012

PORTAS

Portais mágicos
Se abrem e se fecham
Pessoas partem, ficam
E deixam
Saudades!

Algo se vai consigo
 Comigo
Amizade, algo mais,
Quem sabe?
Respondam-me,
Portais!

Guiné – Portugal – Brasil
Andy, origem inglesa,
Em silêncio,
 Que mais?

Se abrem, se fecham
Consentido ou não
Amor e paz, minha busca.
Desistir de ser feliz,
 Jamais!

Brasil-África, mais que laços.

Aeroporto de Lisboa, 21 de abril de 2012
Para Andy, um desconhecido que se sentou ao meu lado.

CAMINHOS ABERTOS

Esquinas e cantos;
Praças e avenidas.
Ruas, rodovias, becos:
Ali estão os Santos.

Vielas e caminhos;
Vias e encruzilhadas;
Alamedas, escadarias:
Você nunca está sozinho...

Basta saber e acreditar.
Força do bem está aí:
Chama e Ele te ouvirá.

Os Caminhos estão Abertos.
Proteção a toda prova:
Exu estará por perto!

Santo Amaro-BA, 05 de abril de 2012

Agô, meu Pai!
Peço licença pra te falar,
Te falar e te pedir
Que afaste de meus caminhos
Quem deseja me explorar
Ou agredir...

O QUE O MAR REPRESENTA PRA MIM

O mar é saída e chegada, partida e saudade
Estrada, caminho, trilha e via de acesso
O mar é motivo para poesia
Ligação entre o mundo e a Bahia
O mar pra mim é o sangue da Terra
Alimento, tormento, transmutação
Mar é a terra dos peixes
É a feira dos pescadores
Inspiração para músicos,
Caymmis e tantos compositores
Pra mim, o mar é respeito
O mar para mim é vida...

Poema vencedor da promoção Frase Premiada do Programa Aprovado, da Rede Bahia de Televisão, no dia 14.01.2012

SOU ÁFRICA

Sou bela, sou negra
Tenho cabelo duro
Apesar do passado
De dor e grilhões,
Eu me orgulho

Altiua, nativa
Mulata ou mestiça
Sou pele, sou alma
Tenho pé chato
Quadril largo
Nariz achatado
Tenho raiz
E ela me diz
Que sou Deusa
Rainha e Princesa

Sou plena e total
E também sou mito
Sou gente, real
Eu luto e grito:
Nem menos, nem mais;
O que eu exijo
São direitos iguais!

Salvador, 1 de agosto de 2009

EU, NAVEGANTE

O mar me chama,
como uma sereia ao pescador
Penso em ficar em terra,
preso aos amores daqui...
Ao mesmo tempo,
o canto das águas me seduz
Maresia
Balanço,
meu coração balança também
pende para dentro da embarcação
Essa rotina,
esse ir e vir já faz parte de mim
Já me habituei a não ter porto,
a não ter pátria,
buscando sempre
um ponto de apoio no inconstante
Apoio-me nas ondas,
nas marolas,
no horizonte,
horizonte que me clama e fascina,
foge de mim eternamente.
Assim também são meus amores,
minha saudade.
Este aperto no peito se afrouxa quando
o vento,
a brisa
e o assombro da morte me vão.
Nessa hora, a calmaria me deixa nauseabundo,
Um homem sem mundo,
sem lar, sem laço,
sem amor.
O vazio profundo da alma me tira a calma
E sofro, de novo, pelo amor
que não sei,
pelo abraço e afago da terra natal
que não sei.
A saudade de não ter do que ter saudade
me corrói.
Ela, ele, paixão, sentimento
me chamam de volta

para um lugar que desconheço,
para onde nunca retorno.
Este retorno eterno me leva a um encontro
entre a terra e o mar,
onde eu quero ouvir o canto da sereia.
O que seria de mim sem esta saudade,
sem a certeza de talvez não voltar?
O que seria de mim,
navegante de mim mesmo, sem o mar?

11 de fevereiro de 2009
Faculdade Social

NAVIO NEGREIRO

Sem voz, sem fala
Branco diz e negro cala
O poder se ganha à bala
Bota o negro na Senzala.

Descartáveis sociais
Refugos do capitalismo
Escravos do consumismo
Com direitos desiguais.

Prisioneiros da cultura
Do poder do dominante
Submissos na estrutura.

Vamos quebrar a corrente
Destronar o poder reinante
Precisamos virar gente!

5 de novembro de 2008

GLOBALIZAÇÃO

Na seleção natural
Ficam de fora
Por questão social:
Gordo, albino,
Magro, baixinho,
Careca, dentuço,
Banguela, mulher,
Pobre, nordestino,
Negro, gay,
Pessoas especiais,
Aleijado, cego,
Surdo, mudo
Ou surdo-mudo...

Em conversas paralelas
O dólar sobe,
Cai o índice Dow Jones,
Royalties são pagos,
IPC, IGPM,
Siglas brancas,
Superiores...
Vistos são negados,
Povos massacrados,
Mortes justificadas:
São traficantes,
São favelados,
São uns pobres
Degredados,
Sobreviventes
De navios negreiros,
Morte aos diferentes!
Morte aos
DESGRAÇADOS!

21 de outubro de 2007

HOMEM SEM PÁTRIA

Tiraram meu saber
Levaram meus bens
Mataram minha história
Assassinaram minha família
Mudaram minha língua
Devastaram minha geografia
Poluíram meus pulmões
Cegaram minha perspectiva
Truncaram meu destino
Cortaram meus laços e
Destruíram minhas raízes
Ensinaram-me a ser outro
Com gosto, língua, sonhos e medos...
Apagaram minha fogueira
Derrubaram minha floresta
E agora, o que me resta?
Ainda sou humano:
Não venderam minha alma ao diabo!
Ainda sonho!

Salvador, 17 de setembro de 2007

SORRIA, VOCÊ ESTÁ NA BAHIA

Temos altos índices de pobreza
A violência grassa por todos os bairros
Sistema de transporte deficiente
Metrô que se arrasta por anos e anos
Falta de saneamento básico
Povo morrendo de fome
Desabamentos de encostas
Rios poluídos com esgotos
População negra abandonada
Baixo rendimento escolar
Altas taxas de evasão escolar
Tráfego de drogas sem controle
Assaltos a ônibus todos os dias
Trânsito super violento
Subúrbios jogados à própria sorte
Trens e trilhos em péssimo estado
Praias sujas e mal preservadas
Trânsito confuso e mal sinalizado
Crianças nos semáforos pedindo esmolas
Viciados e drogados pelas praças
Fumando ou cheirando cola
Imprensa surda, muda e cega
Carnaval só para a elite
Porto subdimensionado
Antigos casarões destruídos
Plano inclinado destruído
Cultura e arte para grupos protegidos
Turismo predatório
Governo ineficiente
Povo silente
Impotente...

Salvador, 24 de fevereiro de 2005

Walter “S” – um mero poeta. De nome próprio Walter dos Santos, nasceu em Luanda-Angola, em 3 de dezembro. Católico Romano, de família modesta e humilde. Estudos primários na Escola Defesa Civil, Neves Bendinh a e Escolinha da Paz, em Viana. Coursou Ciências Sociais e Mat. Física no PUNIV - Centro Pré Universitário da ENPPI - Escola Nacional da Polícia de Protecção e Intervenção, Kapolo 2 e IMNE - Instituto Médio Normal de Educação Marista “Cristo Rei”, em Luanda, respectivamente. Estudante de Economia e Gestão na UCAN - Universidade Católica de Angola, de Letras na UCB - Universidade Católica de Brasília. Igualmente, frequenta a AIU - Atlantic International University, na Especialidade de Tecnologias de Informação. Técnico de Seguros e Pensões em uma companhia de seguros, em Luanda.

Muito cedo apaixonou-se pela arte da escrita, tendo criado o seu primeiro poema na década de 90. Ator, dramaturgo, diretor e encenador do Grupo *MULONGI IA MBOTE* desde 2002. Membro da AAT, da Delegação de Teatro de Viana e presidente do Projeto Alvorada Teatral, bem como coordenador da CPPJ - Comissão Paroquial da Pastoral Juvenil e catequista da Paróquia de Nossa Senhora do Rosário, em Viana. Para si, “se a vida é um desafio, é um desafio consigo próprio”.

PARA TI AMIGO

Apaga da tua alma esse cigarro
Cospe do teu coração esse catarro
Respira em teus pulmões ar puro
Não sejas contigo mesmo tão duro

Faz do sorriso o antídoto de teus venenos
Pois nesse viver efémero
Importam-nos os bons momentos
Então, procura tê-los!

28 de outubro, 2012; 06:33. Quarto.

APRECIÇÃO

Teu brilho é majestoso como a luz do Sol
Tua voz ameniza minha alma como a sinfonia de Beethoven
Teus lábios flamejam em tua boca como borboletas voando em rosas
perfumadas
Teu jeito especial de ser dá-me Paz e faz-me sentir tão bem
És uma Princesa com uma Alteza do Além,
O teu nome já se tornou minha sina,
Doce mulher, linda menina!

10 de maio, 2012, 16:37

ÁFRICA...

...e o sonho da Liberdade!

I

Continente que arregaça as mangas
Querendo andar com seus próprios pés,
Esquecido em seus próprios traumas,
África tu vales pelo que és!
Pelos teus sonhos, e pela tua alma, a verdade:
Mas diga-me, ó África: E o sonho de liberdade, cadê?

Sorrisos pintam o panorama continental
Verdes pastagens rasgam a nudez do teu ventre
Choros e sorrisos, putrefacção, figura buçal
África amarga, sofrido continente
Dura, mas esta é a tua realidade:
P'ra onde foi o teu sonho por liberdade?

Memória cravada, origem da vida humana
No teu ventre nasceu o mundo
Acumulas riqueza em teu ventre, teu povo te engana
Paraíso para poucos e para outros, submundo
Por aqui se sonham novos sonhos com expectativa
Mas e o sonho por liberdade, África, me diga?

25 de maio, 2012.

ÁFRICA...

...e o sonho da Liberdade!

II

Por apenas um barril de petróleo,
Não se reconhece um irmão,
A visão se ofusca, o outro se torna zabolho
Perdem-se vidas por um pedaço de terra ou em nome de Religião
Ó, mãe África! Desse jeito, África, *quo vadis?*
E o sonho de liberdade?

Firmes esperanças, esperanças de ser
Conflitos que matam nossos sonhos,
Que nos roubam o desejo de viver
Ofuscam o sonho do destino risonho,
Da ganância, rebenta austeridade
África... E o nosso sonho de liberdade?

Continente habitado por animais selvagens
Pouco estudados? Iletados? Incultos? Nem um pouco
Mas por que assim vivem e agem?
Tudo pelo poder, tudo por uma mina de ouro
Capazes de vender até sua própria proibidade
Assim, África, onde fica o nosso sonho de liberdade?

25 de maio, 2012

ÁFRICA...

...e o sonho da Liberdade!

III

África que sonha, mas nada realiza
África do amanhã, mas o hoje não se concretiza
África – depósito de lixo da Europa
África, mendigo que troca petróleo por uma colher de sopa
África Mãe prostituta
Vende sua virgindade a busca de ajudas
África minha, África tua
Persegue os sonhos, mas não apruma os trilhos para o sonho
Mãe África, essas são palavras de um filho que te ama
Contigo também sonha no mesmo sonho, sente com a tua alma
Sofre com o teu sofrimento,
Chora com o teu choro emento
E tem a hombridade de te perguntar:
E o nosso sonho de liberdade, onde foi parar?

Aonde foi?
Quando foi que perdemos nosso sonho por liberdade?
Quem foi?
Quem foi que roubou nosso sonho por liberdade?
Perdemo-nos no alvoroço,
Nosso mundo foi dilacerado por nós mesmos
Vendemos até nossos anseios, nossos corações
Perdemos a razão,
Vivendo na delusão de um mundo irreal

É pois esta a hora de acordar
E ao invés de sonhar no silêncio nocturno
Passar a sonhar a luz dos dias
Que clarificam nossas euforias,
Fantasias de um sonho antigo,
Onde o negro africano passa a ser o protagonista
Da sua própria história
Glória pela qual devemos lutar
Por nós mesmos, pegar na massa
Arregaçar as mangas
Com proeza e firmeza,
Torpeza, expulsá-la-emos

Porque este é o momento em que temos
De agir por nós mesmos
E aí, sim, Mãe África, teremos conquistado
O nosso sonho de liberdade há muito almejado!

25 de maio, 2012.

Baluarde da minha alma

Resguardei-me de mim mesmo
Dos meus desejos, sonhos e paixões
Meu coração também precisa viver
Meus pulmões precisam inalar brisa cristalina
Mirar lindas paisagens precisam meus olhos
De facto, assim,
Impetra de mim
Um remanso desta indigesta rotina
Afinal, somente dessa forma, poderei bem viver
Incumbência da qual não me devo preservar
Lida incontornável para a genuína quietude
Amiúde,
Me convida a escoltá-la
Vicência, anuência ao perene primor
Dilecção e Amor
Nitidez e pudor
Me encetam os olhos antes vindimados
Abro-me agora ao Mundo
Para dizer que nada há de melhor
Do que a capacidade de sonhar e conquistar sonhos
Por isso, viver sempre, sonhar noite e dia,
Lutar com fé,
Inventar e reinventar a cada dia
Nunca desistir de um sonho construído sobre a tua própria alma
Gritar para o Mundo e para a Vida : VIVA A VIDA!

4 de abril, 2012

Reconciliados no Amor

O mundo que nos cerca está se atribulando
Situações adversas estão nos atordoando
Nos deixando cada vez mais distantes uns dos outros
Mas, se acreditas no amor, terás teu brilho nos olhos
Tu crês em Jesus,
Ele é nossa Luz
Nas manhãs nos aquece e nas noites alumia
Fonte de Graça, Amor, Paz e muita harmonia
É chegada a hora de olhar na direcção certa
Dá um abraço e perdoa, ouve a voz do profeta

Existe uma força, existe uma fé
Reconciliados no Amor e com Cristo vencer
Existe uma força, existe uma fé
Eu acredito no Amor e é p'ra valer

O perdão é a força que nos leva a vencer
Ineptos são os que desistem ao longo do caminho
Pois os que persistem conseguem reconhecer
O sacrifício do Senhor no Pão e no Vinho
Acreditar no Amor
É ver uma flor
Desabrochando a cada dia no jardim da vida
Escrever a história com a própria tinta
Nossos sonhos são luzes que nos levam ao Além
Eu acredito em Jesus: Aleluia! Amém!

Nossos olhos enxergam o que o horizonte permite
O coração de quem perdoa não tem limite
Viver é acreditar na própria existência
O perdão provém do amor e quem ama tem paciência
Eu acredito no amor de Cristo Senhor
E sou vencedor porque o Senhor com o Seu sangue lavou
Os meus pecados e p'ra reconciliação me chamou
Não percas a tua fé, porque com Cristo estás certo
Ouve a voz do Senhor e não a do vento
No amor, reconciliar, lutar sempre com fé
Porque, se Cristo é por nós, então vamos vencer

12 de junho, 2012, 14:59

Estômago vazio, mente vazia também!!!

Nem carne, nem peixe,
Nem sequer um pão para comer
Não há estômago que aguente
Nem mente que não sente
Sentimentos se avulsam
Desejos se barafustam
Incoerentes nas constatações
Reincidentes nas demonstrações
Estômago Vazio, Mente Vazia também

Eles nos esvaziam os estômagos e os corações
Formatam nossas mentes, baldam nossas visões
Não há moral que resista
Nem revolução que persista
Final não há revolução de barriga vazia
Nem pensamentos nítidos com a consciência ferida
Somos nós mesmos!
Somos nós, certamente
Do que vivemos afinal?
Do estômago ou da mente?

Oriundos de um povo sem história?
Destinados a morrer sem quaisquer glórias
Ou destemidos guerreiros
Conquistadores da própria liberdade?
Quem somos afinal?
Firmes até o extremo
Ou moralistas até a necessidade?

10 de abril, 2012

Por culpa do destino...

Por instantes me levanto
Sem destino, pelo corredor me vejo andando
Buscando ver-te pelo menos mais uma vez
Espreitar teus passos, teus movimentos, sigo teu andar sem través

Quero dizer que estou apaixonado, mas nem sei por onde começar
O que fazer pra isso mostrar?
Não consigo nem pensar
Tua beleza induz um atípico desejo em mim
Não foi culpa minha, mas o destino quis assim

Por culpa do destino apaixonei-me por ti
Meus olhos brilham feito astros no céu quando te veem passar
Teu olhar insinuante não me permite fingir
Estou apaixonado, mas não quero nem acreditar

Sem jeito, me deparo com ela vindo pelo caminho
Na névoa cor-de-rosa das paredes do edifício
Vestindo em volta da cinta
Um envolvente cinto de pérolas negras
E o frio fragoso da atmosfera corada pede que lhe abrace

À porta, teus olhos parecem querer dizer-me alguma coisa
E por culpa do destino, me embaraço não podendo dizer
Que és tu dos meus sonhos a mulher
E que fico simplesmente à toa
Diante de tamanha beleza e sumptuosidade
De tamanho intelecto e raridade de pessoa
Que da minha boca saem todos, mas não palavras

Por culpa do destino sou obrigado a evitar o olhar diante da tua presença
Por culpa do destino, invadiste os meus sonhos sem mesmo ter pedido
licença
Por culpa do destino minha realidade tornou-se outra
Tudo por culpa desse mesmo destino, ó Senhora Nossa!

Por culpa do destino sinto meus pulmões encherem de puro ar
Quando com teu lindo olhar cruzo na alegria do teu saudar
Teus lábios acompanho com os olhos quando te vejo falar
Arroja em mim a intenção de os querer beijar

Pois por culpa desse destino acho que acabei por me apaixonar

Não me lembro de quando isso aconteceu
Fico mendigando por pelo menos um olá teu
Já nem sequer tenho domínio sobre mim
Foi por culpa do destino que me apaixonei por ti

10 de julho, 2012, 17:54

Alma Vivente

No olhar do Sol matutino
Vi lágrimas e sorrisos
A saudade da chuva
Convidou-me no solo úmido e fresco pensar
Doce memória que me vem vindimar

As nuvens que ao Sol abraçam
Que se espreguiçam em seus braços
Sorrio, fazendo com o suor um Mar
E sobre ele minhas angústias deitarei
Minha alma nele também mergulharei

Na dança dos meus sonhos
Descubro a calma do meu Mundo
Com sapatos brancos a minha tristeza calcei
E entre beijos suaves a entrelacei
Insuflei meu sopro para dentro dos pulmões
Arqueei dos anseios as ressurreições
Fiz-me horizontal onde só a verticalidade era possível
Em mim mesmo fiz-me irrepártível

Mortos não pensam, logo não duvidam de nada
Eles nada podem, nem mesmo sequer sofrer
Nada podem perceber
Sua consciência não existe, então não sentem nem dor
Nem amor

Entre sonhos e realidades
Sofrimentos e dúvidas
E no sentido centrífugo do meu eu
Cujos arcos às vezes privo
Com o olhar fito na Terra ou no Céu
Compreendo que isso acontece apenas porque estou vivo!

24 de outubro, 2012, 08:40. Táxi da Robaldina à Vila

Maldizente razão

Vezes há em que nos vemos
Imergidos em supérfluas lógicas
Das aparências morfológicas
Que na verdade nada dizem a nosso respeito
Tampouco à verdadeira realidade
Que se nos apresenta em todas as manhãs

Existirá alguma razão entre os humanos
Se são aparentes nossas dimensões
E presunçosas nossas concepções?
Irreais escumalhas cobrem nossas rectidões
A infâmia consome nossos crânios
Como salalé roendo desperdícios cárneos no fossário

Solitária sabedoria humana é calúnia
Autossuficiência retira de nós a razão
Faz de nós escravos de infindas buscas
Será racional buscar prazer próprio no sofrimento alheio?
De que me valerão horas de estudo
Se me continuar vazio o coração?

Ciência nossa, nossa Perdição
Alienada Religião
Trapo do mesmo embrulho
Estendemos nossas vaidades nas janelas do orgulho
Correndo contra o tempo, mesmo sabendo não ser possível
Incrível
O que será irracional afinal?
Amar ou não Amar?

24 de outubro, 2012, 10:44. AAA Viana

Sublimação

Com água mata-se a sede
Azul e amarelo fazem verde
Esperança faz-se, não se busca
Sorriso arrojado a alegria ofusca
Chorar é ser criança, adulto contesta, afronta
Quem questiona resposta encontra

Transcendência, pureza,
Busca do sublime,
Certo, coeso, firme
Consciência elevada, ilustre
Avança sereno,
Ascensão, desejo
Desejo de morte,
Fome de justiça, sede de amor
Depuração, ardor

Descortinando sonhos, realidades
Afora os atropelos, improbidades
Erguendo a alma para o metafísico
Espremendo injustiças, eis-me tísico
Terequísico, assim me sinto eu
Almejando voejar, chegar ao céu

Meu sangue rima com minha alma
Meus pensamentos são versos,
Aclamados com vivas palmas
Estou gravado nas páginas do universo
Meu livro, folhas rabiscadas
Eu já não sou o poeta,
Eu sou a POESIA que o poeta escreveu

22 de julho, 2012

De uma vez por todas

Quantas montanhas será preciso escalar?
Para ver uma Angola verdadeiramente livre?
Quantos oceanos teremos de atravessar?
Para abeirar no porto do verdadeiro amor?
Quantos anos de má gestão teremos de aguentar,
Para abrirmos os olhos e olhar à realidade que nos aprisiona
Há mais de três décadas?

Será preciso ficares sem pão na mesa
para saberes que muitos são os que sofrem
Muitos são os que nem pobres migalhas têm à mesa
Quantas crianças precisarão morrer para abrirmos os corações?
Quantas vidas serão levadas pelo vento
Para tocar nossas almas?
Quantos Ecos e Factos teremos de assistir
Para acreditar e sentir as desgraças alheias
Que são nossas também?

Terá Deus de aparecer ante nossos olhos
Para o temermos?
Terá Jesus que morrer novamente numa cruz
Para que Angola se liberte das injustiças e do marasmo?
Quanto sangue se espalhará sobre o asfalto
Até entendermos que o prazer é efémero e fátuo?
Quantos Zangos deverão ser construídos para sentirmos
O desrespeito à nossa dignidade enquanto cidadãos?

Quantos sonhos serão desfeitos
Até abrirmos os nossos olhos
E compreendermos que as crianças nada têm a ver
Com as nossas apetências pelo dinheiro e pelo poder?
Quantas vidas têm de ser levadas
Por causa de uma coisa perecível
E desprezível?

Quantos nomes precisarão ser escritos nos sepulcros
Para percebermos que a vida humana é o bem mais precioso que existe?
Quantos vales precisa um homem percorrer para conquistar o respeito e a
liberdade?
Quantas vezes será preciso repetir que tudo é de todos e para todos?

Quantos poemas terei eu de escrever?
Quantas palavras terei eu de dizer
Para veres que não queremos muito,
Mas o suficiente para viver?
De uma vez por todas, mudemos o rumo das nossas vidas
Abre o teu coração e deixa nele habitar a paz, o amor e a caridade
Dá o teu ombro a quem necessita e sorri para a vida!

2 de setembro, 2011

Quero Te agradecer!

Por mais uma noite bem dormida
E por me devolveres o sopro de vida
Por seres sempre comigo Misericordioso
E nos meus impossíveis Milagroso
Quero Te agradecer

Por me dares sempre o que preciso e não o que peço
Por me lembrares sempre que me esqueço
Que tristezas não pagam dívidas
E por tornares minhas perspectivas nítidas
Quero Te agradecer

Por suscitares meus pobres versos
Por me ofereceres Paz nos controversos
Por me ouvires sempre que oro
E enxugares minhas lágrimas depois do choro
Quero Te agradecer também

Por perdoares meus pecados
Pelos momentos malpassados
Pelas angústias e ensejos maculados
E pelas vezes que sofro calado
Também Te quero dizer:
Meu Senhor e meu Deus, muito obrigado!

28 de outubro, 2012, 06:28. No quarto.

Não permito!

Não permito nunca que venha a suceder
Jamais permitirei tal sorte
De, estando eu com um sonho, que este venha a morrer
Ou que por motivos alheios eu venha a perder meu norte
Nunca, jamais vou permitir que tal coisa venha a acontecer
Porque para mim é: ou a vitória, ou a morte!
Se busco, encontrarei na certa
Derrota para mim jamais será a meta

Mesmo com o céu nublado,
O sol não deixa de lá estar
O sorriso continuará estampado
Mesmo se já não tiver alguém com quem se alegrar
Baixar a cara na hora da luta é para quem nasceu derrotado
Não permito jamais que isto comigo venha a calhar
Posso até entregar a minha arma
Mas o que não permitirei jamais é adjudicar minha alma

Tenho o alvo bem votado, definido
Nada vai mudar meu caminho, meu rumo
Posso até estar magoado, ferido
Não esgotarei meus princípios, meu sumo
Sem meu desejo estar alcançado, concluído
O meu inerente anseio eu não desfaço, não verrumo
Seja o que vier a ser
Não permito que isto me venha acontecer

Posso até perder inúmeras batalhas
Sofrer supérfluas baixas
Aturar enormes talhas
Serem debandadas de mim as faixas
Não despenderei das minhas tralhas
Não cumularei desilusões em minhas caixas
Não permito que festas perturbem meu caminho
Nem que para isso eu tenha de lutar sozinho

Não permito que falsas promessas guiem minha vida
Não permito que o medo ameace a minha liberdade
Nem que a opressão me intimide
O cifrão não quebra a minha integridade

Não permito que a minha consciência seja vendida
Seja qual for a utilidade
Inalienável e intransferível
É o meu eu imbatível

Não admito o conformismo
Nunca, jamais permito o anglicanismo
Assim é o meu viver,
Porque para mim: ou é, ou é!

4 de outubro, 2011

Destino ou Sina?!

Meus pulsos trémulos
Se veem impelidos a escrever
Do meu coração brotam gemidos
E minha alma canta Poesia ao alvorecer

Da caneta sou a tinta
Da folha branca a brancura
Sou verso pro consumo
Uma estrofe sem rumo
Na poeticidade da minha alma
Sou dos desaforos a calma
Rompe-me a poesia o sossego
E sem chances à trova me entrego

Queria eu poder não mais cantar
Não mais pegar na caneta para compor
Queria desfazer da Arte esse amor
E essa inspiração mandar lixar

Sinto-me encarcerado pelas correntes da Poesia
Mora em mim a alegria que
Perpassa minha alma numa doçura infinda
As espadas versáticas do meu eu que com o sangue pintam
Mais um Poema nos autógrafos da minha aspiração
Me acabam as forças obstando qualquer oposição

Esse augúrio sem vacações
Me persegue fazendo-se em mim destino
Sou um *Art vivens*
Spirans inter ventis Poetica
E em minhas prescrições
Vou soletrando os ares dessa sina

Sonho com versos ao anoitecer
Ao amanhecer me visitam as estrofes
Vejo rimas atravessando meu céu
E da terra floresce Poesia
Então me pergunto: destino ou sina?

4 de outubro, 2011

Vivendo a Utopia?!

Estás em pé
Assim começa mais um dia
A fadiga está à espreita
Certo de que o trabalho lá fora te espera
Debaixo da madrugada
Te pões andando de fato e gravata

Trabalhando arduamente
Para a tua própria sustentação
E das pessoas que dizes carregar no coração
Lentamente
Sentes teu próprio corpo quase a esvair-se de ti
E quase nada mais és capaz de sentir

A tua casa não passa disso mesmo: uma Casa!
Porque não vês espaço e nem tempo de torná-la um lar
Vês o esforço de anos te quebrantando a asa
Pois desconheces o sorriso do filho que dizes amar

A tua conta parece querer fazer-te sorrir
Assim que chega o fim do mês
No mísero fruir
Dos trocados que em instantes vês
Retirarem-se mais rápido do que quando os viste surgir

A imagem em nós tem o seu lugar
Mas será tudo em nossas vidas?
Somos feitos de carne e osso
Mas também de um espírito e de uma alma
Que sentem, que têm desejos que são saciados por sentimentos
Manda pro lixo o que as pessoas pensam
Porque palpites todo mundo tem
Opiniões importam apenas as importantes

Será isso ser feliz?
Sacrificar-te dia e noite à procura do sustento
E te esqueceres daqueles que contigo fazem o momento
Sem tempo de partilhares as tuas alegrias e sucessos?
Será a cortesia mais importante que o afecto?
Vivemos uma mera ficção,

Caminhamos pelas estradas do futuro,
Sem antes termos trilhado os solos do presente
Semeando flores nos tectos das nossas almas
Deixando os jardins habitados por lamaçais
Será essa a Paz que tanto procuramos?

24 de outubro, 2012

Eu sou a vida que tenho

Respirar ar puro
Requer afastar-se do fumo,
Do pó e da poluição
Ausentar-se ao menos um instante
E conversar consigo mesmo
É a melhor das terapias pro coração...

Eu queria ser feliz e a vida não ajudou,
Desejei amar e a vida não me deu amor,
Foi aí que decidi:
Vou tomar eu as rédeas do jogo,
Vou ser eu a tornar a vida feliz,
Sorrindo para ela e aprendendo a amá-la

Pois a noite só se tornará escura
Quando eu não deixar brilhar o Sol
Que carrego dentro de mim
E só existe deserto para quem não se importa com a flor
Que carrega em seu próprio jardim
Pois a Paz faz florir beleza, sossego e harmonia
E dá uma colorida aparência
Perfumando com as pétalas de cada amanhecer
O coração e o espírito de quem ama a vida

Amarguras apertam qualquer coração
Se vida tens, então sofrerás
Pois é no sofrimento que se busca a paz
Nossa vida é cheia do que o coração engrandece
Pois quando o sorriso se enaltece
As lágrimas por si mesmas desaparecem.
Assim, cada um tem a vida que merece!

30 de outubro, 2012, 15:04. AAA Viana

Alvorado espírito

Queria ter eu em minha alma
O amanhecer que têm os dias
Assim, com o mesmo silêncio e calma
Do alvorecer acordaria

Queria eu poder sentir o cantar dos pássaros
E ver o Sol nascer
Sem sentimentos bárbaros
Em todo o meu ser

Queria de dentro de mim expirar
A mesma brisa matinal de uma manhã
Para assim então o coração alegrar
Aqueles a quem com um sorriso pudesse saudar

28 de outubro, 2012; 06:16. No quarto.

Minha razão de ser

Oráculo da minha felicidade
Domingo da minha espera
Fronteira da minha tristeza

Nas esquinas da minha alma
O farol do teu amor achou o meu sorriso
Entre as colinas do teu brio, a paz que eu preciso

Contigo aprendi a conjugar o verbo amar
E na primeira pessoa do meu singular
A felicidade pude encontrar
Meu sonho feito realidade
Meu pedaço de eternidade
Estrela do meu céu,
Orvalho do meu amanhecer
Sorriso dos meus lábios,
Minha razão de ser

31 de outubro, 2012; 05:42. No quarto.

Eduardo Quive

É escritor e jornalista moçambicano, residindo na Matola, província de Maputo. É jornalista cultural do semanário @Verdade (www.verdade.co.mz), diretor editorial da Literatas – Revista de Literatura Moçambicana e Lusófona (www.revistaliteratas.blogspot.com) e correspondente do jornal Cultura – Jornal Angolano de Artes e Letras –, dentre outros órgãos de informação no Brasil. O seu primeiro livro de poesia intitula-se “Lágrimas da Vida Sorrisos da Morte” (FUNDAC, 2012). É membro fundador do Movimento Literário Kuphaluxa do Centro Cultural Brasil-Moçambique.

Email: eduardoquive@gmail.com

Questionamento

Tu que chegas e te assentas,
olhas nos meus olhos
e sossegas,
quem és?
Tu, mulher branca no preto da noite,
cabelo enrolado, branco e preto como tanto faz,
mínguas no silêncio do nada sem nada para nada que sou.
Olhas-me infinitamente. Calas,
e me roubas
sabes que sou poeta?
Sabes de mim neste canto que me encontro,
distante da minha gente e tão perto da sua?
Aqui, aqui tem meu sangue
tem o meu nome
quero conhecer esta gente que me conhece
quero conhecer-te.
Tu, quem és?
Eu? Eu sou aquele preto de calções azuis,
conheço Fortaleza,
sou amigo do Padre António Tomás,
José de Alencar
e António Bezerra,
conheço-os a todos e agora, conheço-te também.
Por que me olhas? Por que me roubas?
Queres-me comer?
Sou ninguém, minha gente é nada.
Nada? Nada.
Somente nada.
Me conheces?
Não, não sou daqui, sou preto como os mortos do meu país,
aqui não existo. Aqui estou apenas
e glorifico o profano nome dos deuses de longe.
Não sou ninguém. Não sou nada.
Se me quiseres chamar,
chama-me apenas de ninguém e, como qualquer poeta,
humildemente direi: sim, sou eu.

Xiguiana da Luz, Fortaleza-CE, Brasil, 17.11.12

Duas canções da Primavera

Iª

*Para Odete Semedo,
Conceição Lima
Filinto Elísio
Fernando Leão*

Não conheço o nome destes versos
conheço as lágrimas que choras,
sei as cores que devotas
sei dos pés da sua mãe
e da janela por onde ela saiu quando partiu.
Vi-a nos seus olhos de cor de água.
São vermelhos? Veem o mundo? Choram?
Não. Cantam a voz da sua alma.
Nossa alma, irmã-mãe
das nossas ilhas do tempo por onde emigraram nossos pais
pelos ventos,
e encontraram-se nos mares.
Nossa voz, no berço das almas que militam os nossos padrastrós ancestrais
futuros deuses de nós, nós que somos filhos de ninguém,
mas da cor da vida e morte que ainda não morremos.

IIª

A mátria poesia nossa

Em que palavras se dizem estas sinas?
Mergulhas nas almas de um céu no além,
ululosamente pedestres no nosso medo.
Que espaço essas vozes têm nas terras onde nascemos, crescemos,
cantamos e bebemos do sangue dos nossos ancestrais?
Pai-nosso, esta mátria terra de dissabores na espera sentada dos ventos do
norte,
de onde há de vir a primavera?
A primavera, irmã, a primavera!
Nossa voz, nosso tom, esta pele mátria,
no mátrio alimento dos deuses de ontem,
velozes e de longe,
na anatómica voz que nunca fala.
Nós e nós, todos sem nós,
os nossos solos mátrios, madrinhas do sol

que nos queima o estômago vazio
que nos raspa o esófago seco,
dentes entreabertos e rígidos da carne viva dos nossos pais e mães,
cães de ontem
hoje, soterrados na história e vivos na memória.
Quem os lembra? Quem os conhece?
nós irmã,
nós e a nossa voz,
os seus nomes, o barulho dos seus passos, os seus hinos,
conhecemos os coros que cantam de lágrimas brancas
longe como nós que partimos para dentro de nós,
sem deixar a terra mátria,
terra pátria,
de homens, mulheres e deuses esquecidos.

Xiguiana da Luz, 16 e 17.11.12, Fortaleza-CE, Brasil

CANÇÃO DO FIM

Quando ele morreu
sabia que ia morrer
e chorei
chorei tanto...
que os meus olhos se calaram
lamberam o chão por onde se cuspiam as lágrimas
desci do meu chão para a areia que o comia
aí deixei os meus olhos se irem
com o fim daquele sepulcro.
Chorei,
calado gritando.
Chorei. Chorei cantando.
Chorei. Chorei parado no infinito
com o cheiro do falecido
no caixão aberto.
E ele de olhos crivados na morte,
e eu chorando, ciente do fim
dos dias que não mais serão.
Chorei. Chorei com pena de mim.
Mas chorei. Chorei pelo fim que se iniciava.
Ah! Chorei tanto,
tanto tanto tanto
tanto chorei
mesmo com a dúvida da minha dor
chorei tanto
pelo dia da minha morte.

Xiguiana da Luz, Maputo, 05.12.12

CIDADE

Calada, a cidade cospe a noite
em outro silêncio, lambe-se o vazio imune dos homens
sem voz, velozmente, rompe a noite que cuida das vidas
censuram-se as vestes, mas a cidade não para
vocifera e marcha
o sol não chegará ainda
nem o dia conhece a sua infinitude
um mar de incerteza se instala,
mas não há medo
a imensidão do deserto negou aos homens,
a liberdade de viver da brisa e da harmonia dos sons calados.
De resto, é barulho a toda hora,
as horas andam, os Homens andam, a vida anda,
tudo anda
só não corre para o leste, por onde vem a peste
que nos engoliu de pobreza.

Xiguiana da Luz, Maputo, 03.12.12

MENINA DE SÃO TOMÉ

Para ela, a desconhecida e bela mulher são-tomense

Achei o horizonte perdido nos seus olhos,
vi em seus lábios recheados de ternura
a vida a volver-se atravessando o meu âmago
na penumbra de só ter-te perto e sem saber teu nome.
Mas sei quem és,
conheço os teus avós e teus pais,
menina de São Tomé, como só assim te sei.

Gente minha, gente sua

[gente nossa

lá para São Tomé estiveram sem saber quem eram
apátridas em suas próprias terras!

Teu corpo, vazio
inerte do pecado, eras nova,
nascestes quando olhei para os teus olhos
decorada de capulanas dos deuses vossos
fizeste os traços de ebulição do meu espírito pedestre
que já se divide entre o querer ser poeta e escultor da tua natureza
a quem dedico as minhas noites de alma.

Ah! Usua sagrada. Usua dos deuses do fogo.
Que fervência levaram-te até mim,
que me fizeram teu homem, menina de São Tomé?
vontades de deuses teus, deuses meus
deuses nossos
manifestam-se nos passos dessa dança que me é familiar,
à semelhança dos Xigubo e Makwayela da minha gente.

Onde te ver de novo, menina São-Tomense,
como só assim te sei?

Quem sou eu aqui nesta noite
imune dos seus encantos que cobrem as lembranças?
Quem sou eu, poeta vagabundo,
agora errante ao teu encontro?
Quem sou eu, menina São-tomense, que te tive apenas num passo de usua,
dança vossa?

Xiguiana da Luz, Maputo, 26.06.12

Melancolia...

é tudo o que sinto nesta madrugada de lua cheia.

Metade de mim

é agora refém da insónia, a outra

soneca na esfera da vida

sossegado com os medos que sente.

A noite é uma mira

a vida é também assim

morte e saudade

plenos coeficientes da existência!

Xiguiana da Luz, Maputo, 12.06.12

FALECIDOS

Todos os mortos estavam de costas viradas aos homens
choravam e berravam,
bailavam sob seu silêncio de roupas suspensas no ar
no sono intranquilo dos homens que nós somos
reconhecíveis no nada.

Denso, o ar
cuspiam sem voz os nomes doutros ancestrais
que bem sabíamos.
Todos os nomes teciam-se em círculo fechado.

Denso, o ar no seu silêncio
corria apertado
no vazio dos corpos inertes e moribundos.
Todos os mortos de costas voltadas
cuspindo tormentos aos homens
calados, nem sabíamos
que éramos nós os tais falecidos
na memória dos nossos deuses.

Xiguiana da Luz, Maputo, 06.08.12

MONÓLOGOS DA IMPACIÊNCIA

Não sei por que é,
mas às vezes sinto a medula a subir-me pela espinha
mungir de contrastes nas sensações da noite.
Escuto vozes a cantar de rancor
enquanto só o peito rusga de mágoas.
Calado, sequer pergunto o que se passa.
Rio-me do que passo, mas nunca de mim enfurecido
por mais esta injusta espera incansável

I

Muitas vezes caio em mim
já espatifado na erótica do baixo-ventre.
logo desato a lembrar-me de muitos amores
estes outros desamores
sísmico, invento alguns ventos que fluem de dentro
e tenho a certeza que estas noites são assim
- sempre foram assim -
cantam hino que não entendo
chamam nomes de várias mulheres!
Caramba,
como elas são diferentes!
Será que só no escuro estas mulheres vivem?

II

Levanto e luz acesa
ao meu lado copo vazio
à frente, uma luz enfrenta o meu espanto
por baixo de mim, pedaços de garrafas
com o fel ardido a escorrer pelo teto
olho outra vez para frente,
é mesmo verde
Está lá uma lâmpada que me descasca.
É madrugada e o chão se afasta.
Que formigas são essas na minha boca?
Céu nefasto, afasta-se de mim esse fim
cuspam-se as formigas e cuspam-se os céus.
Estou em terra, vivo?

III

E miro outra vez este silêncio

guardado dentro do que restou de mim.
Nada! Volto a sofrer.
Isto é assim?
Não me conformo com isto que sou.
Ah! Não me conformo.
Eu sou eu?

Xiguiana da Luz, Maputo, 07.08.12

MINHA MAPUTO

Ah! Maputo
tão longe tu és nestas Alturas em que me encontro
tão longe de mim
distante do feto que tu mesmo geraste
vejo-te calma e serena
na angústia da minha ida
vejo-te continuamente amena
cada vez mais insignificante
o sol te abandona no flamingo altíssimo
as nuvens te ocultam entre fins que se aproximam
já não és nada, minha mãe
entreguei-me a terras desconhecidas sem da sua dor me lembrar
despertenço-me de ti sem compaixão nem receio.
vejo-te no chão que te transforma longe de mim
comparo-te aos graus de areia
mínguas, dó e compaixão
não tens mais gente de cá
nas alturas que te vejo.
Tenho-te em apenas dois olhos, estes que tu mesmo geraste
já não és nada,
tão longe de mim, és apenas restos
do imenso mundo que se encontra nas nuvens.
Ah, Maputo
minha Maputo
indivisível
mulata
crespa
mas tão nada, de longe que és
fica e cala-te
alimenta a tua dor de perda nos roncos desta tripulação
que se faz voar neste flamingo
cúmplice do meu abandono a ti.

*Xiguiana da Luz, 16 de Abril de 2012,
No ar a caminho de Luanda*

NO CHÃO

Não sei escrever por escrever...
entardece de mim uma milha de vontades quando encontro
este berço que me acolhe sem dizer aonde vou.
Estou a leste da minha localização conhecível.
Que paz me trazem as asas deste Embraer 190!
Desencosto de mim a gaveta com chave do mistério no céu.
Revogo os chãos imáculos do além para onde vou e voo.
Ah! Embraer bendito!
Tua voz é tão plena como o meu silêncio irrestrito da escrita,
meu berço
meu atual chão
tenho dúvidas, pergunto a este papel que tanto louvo, afinal, ele é o motivo
de todas as minhas inquietações
para onde vou.
De resto, vou e voo nestes ventos que são o meu paraíso.

Xiguiana da Luz, 16 de Abril de 2012
No ar

KANIMAMBO

Na voz das suas mãos
Na eminente razão dos seus saberes,
Tertúlias míticas te cantam.

Kanimambo mamana África!

E nem os ritos da mente,
Sabem os dissabores que te afligem,
Nem os poetas em plena ardente cevada satírica,
Renunciam às invocações.

Kanimambo mamana África!

Que esses passos de epilepsia,
Ensaando uma terminação mais pacata,
Desconheçam as entoações.

Nas rodas do tempo,
Em dizimadas acácias
Cinco poetas reunidos,
Cuspam cinco mil palavras
Porque de ti, mamana África,
Só kanimambos moldam-se,
No grito desde a *Mafalala* aos *Mussekes*,
Esses latos mundos da algébrica indumentária.

De mãos como *kambas*,
Nem esdrúxulas,
Nem lexicais fontes letrárias.
Apenas o saber do bom idiota,
A desidratante disciplina imatura dos novos.
E dizemos aos deuses no escuro...

Kanimambo

E te cantam os seres que te reconhecem.
Ah, poeta por ti...

Kanimambo Mamana África!

Xiguiana da Luz, Maputo, 08.06.12

PEQUENO GLOSSÁRIO:

Kanimambo – obrigado (Changana-falado no sul de Moçambique)

Mamana – Mãe (Changana-falado no sul de Moçambique)

Mafalala – bairro suburbano da cidade de Maputo

Mussekes – nome que se dá às favelas em Angola.

Kambas – expressão angolana que se refere a amigos.

ACORDES

*Para Dudas,
Que cantares envolvem um poeta no seu imaginário?*

Cordas estilhaçam almas duras
por onde passam estas palavras,
como cavas em veias sem cor.

(M)arrebentar é timbrar o escuro de sons da noite
[poetar diferente

é imigrar para o interior e morder a vulva
molhada de gotas de seu ritmo.

Não há versos que separem o contexto do seu canto primeiro, e por último
tchaia essa viola que eu *tchaio* estes versos
sem dó (tom!), fazemos esta gente romper as cordas sem saber que és
tu, o lírico nestas sinas.

Rio-me do chão estupefacto
aleija o sorriso que sai da penumbra
ventos do fim sopram
quinam as minhas sobrancelhas
esfolam-se

des(en)cantam

dançam as areias
que sons são esses?
Calo e arrasto-me para outros chãos que deliram
descalço-me

e sinto *nkulunguanas*
sons de batuques gritam
ajoelho-me

rogo e revogo
não são esses monólogos do medo
os silêncios de mim?

SOIS E SAIS AOS POETAS CANTANTES

Para Jaimito e Mucavel

Sol e Sol

Sal a Sal...

Cantamos esta pátria que nos corre nas curvas de ventres corrompidos de medo e saudade.

Sol e Sol

Sal a Sal...

Na chama das ruas do tempo calado no esófago ao peito pedestre de poetas anónimos sem um gesto sequer de clemência.

Dos Sóis aos Sais da vida lavrada nos acordes da saudosa guitarra, até quando a morte cantar.

Prefaciador

Pedro Silva

Colega de Letras,

Saudações.

Ao longo dos anos, e por diversas vezes, comuniquei-me consigo, sob a proposta de um intercâmbio cultural e literário. Foi importante que tenhamos tido esta oportunidade - independentemente do maior ou menor grau de reciprocidade no interesse e na disponibilidade temporal -, pois vislumbro o e-mail como uma excelente ferramenta na troca de ideias entre colegas de escrita.

Neste momento estou a comunicar que irei, a breve trecho, eliminar esta conta de correio electrónica, substituída que será, por outra, nas próximas semanas.

Como é óbvio, não se trata de uma despedida formal, mas de uma informação, pois, por certo, o futuro nos trará novas oportunidades de diálogo.

Confesso que foi uma honra e um deleite pessoal e profissional ter tido a chance de comunicar-me com a sua pessoa literária e faço votos de sucesso contínuo no seu futuro enquanto personalidade ligada à cultura.

Respeitosamente,
Pedro Silva

Licenciado em História - Minor Cultura e Religião
Cidadão Honorário de Cidade Velha (Ribeira Grande de Santiago - Cabo Verde)

Consultor Literário. Editor.

Medalha de Mérito do Jornal "Audiência" - 4ª Gala (2009)
Consultor Editorial da Revista Virtual Proyecto Clío (Espanha)
Membro da Associação Brasileira de História das Religiões (Brasil)

Membro Correspondente do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba (Brasil)

Representante em Portugal da Asociación Civil de Historiadores Mexicanos - Palavra de Clío

Académico Correspondente da Academia Juiz-Forana de Letras
Académico Correspondente da Academia da Academia de Letras José de Alencar

Académico Correspondente da Academia Metropolitana de Letras, Artes e Ciências

Académico Correspondente da Academia Igarassuense de Cultura e Letras
Académico Correspondente da Academia de Letras Balneário Camboriu

Académico Correspondente da Academia Planaltinense de Letras

Académico Correspondente da Academia Divinopolitana de Letras

Sócio Correspondente da Associação Santa-Rosense de Escritores

Sócio Correspondente da Sociedade de Escritores de Blumenau

Sócio Correspondente da Academia Palmeirense de Letras, Ciências e Artes

Sócio Correspondente da Academia Penedense de Letras, Artes, Cultura e Ciências

Membro Vitalício, em Portugal, da Academia de Letras do Brasil

Membro Honorário do Movimento Literário Kuphaluxa (Moçambique)

Membro do Movimento Cultural Internacional aBrace / Brasil - Uruguay

Escritor Amigo da Asociación de Escritores de Mérida - Venezuela

Poetamigo do Centro Literário de Piracicaba

BIOGRAFIA: Com mais de cinquenta livros publicados, em países tão díspares quanto Portugal, Brasil, Espanha ou Chile, o autor português Pedro Silva (1977) tem, igualmente, produzido títulos em diversas áreas temáticas, tais como o ensaio histórico, a ficção, o roteiro turístico ou mesmo os contos. Para além disso, o escritor, tem-se dedicado igualmente a colaborar com diversos jornais portugueses, assim como revistas em Portugal e Brasil, tais como “História Viva”, “Desvendando a História” ou “Aventuras na História”. Foi ainda Editor de Edições Série B (Portugal).

BIBLIOGRAFIA:

- \ "Ordem do Templo: Em Nome da Fé Cristã\ " (Ulmeiro, Portugal, 2000) Ensaio
- \ "História e Mistérios dos Templários\ " 2ª edição esgotada (Ediouro, Brasil, 2001) Ensaio
- \ "Escritos Errantes (histórias leves como o vento mas tocantes como a tempestade)\ " esgotado (Publicações Senso, Portugal, 2002) Contos
- \ "Ku Klux Klan: Pesadelo Branco\ " (Magno Edições, Portugal, 2003)

Ensaio

- \ "Tripla Imparável I: Juventude em Acção\ " (Magno Edições, Portugal, 2005) Ficção Juvenil
- \ "Os Templários e o Brasil\ " (Flâmula Editora, Brasil, 2005) Ensaio
- \ "Templários em Portugal (a verdadeira história)\ " (Ícone Editora, Brasil, 2005) Ensaio
- \ "Templários em Portugal (a verdadeira história)\ " (Dinalivro/Ícone Editora, Portugal, 2005) Ensaio
 - \ "Templários (Ordem Militar e Religiosa)\ " (Catedral das Letras, Brasil, 2005) Ensaio
- \ "Confraria Mística Brasileira: a História\ " (MAP, Brasil, 2006) Ensaio
- \ "Símbolos e Mitos Templários\ " (Centauro Editora, Brasil, 2006) Ensaio
- \ "Mistérios da Humanidade\ " (Via Occidentalis, Portugal, 2006) Ensaio
 - \ "O Sol de Rita\ " (Corpos Editora, Portugal, 2006) Ficção
- \ "Roteiro Místico de Portugal\ " (Editora Leitura, Brasil, 2006) Turismo
- \ "Assassini (uma seita esotérica)\ " (Via Occidentalis, Portugal, 2006) Ensaio
- \ "História dos Lusitanos\ " (Editora Prefácio, Portugal, 2006) Ensaio
 - \ "Romance na Net\ " (Idea Editora, Brasil, 2006) co-autor: Eliete Madureira / Ficção
- \ "Os Grandes Mistérios da Humanidade\ " (Axcel Books, Brasil, 2006) Ensaio
 - \ "Já Passou\ " (Corpos Editora, Portugal, 2006) Ficção
 - \ "Assassinos\ " (Pulso Editorial, Brasil, 2006) Ensaio
- \ "O Código da Maçonaria\ " (Universo dos Livros, Brasil, 2007) Ensaio
 - \ "1977\ " (Pulso Editorial, Brasil, 2007) Crónicas
- \ "Portugal-Brasil: A Aventura do Descobrimento\ " (LGE Editora, Brasil, 2007) coautor: Jean Angelles / Ilustrações: Gleydson Caetano / Ficção Infantil
- \ "Cátaros (história de uma heresia)\ " (Via Occidentalis, Portugal, 2007) Ensaio
- \ "História Mística de Portugal\ " (Saída de Emergência, Portugal, 2007) Ensaio
 - \ "Templarios (Cruz y Medialuna)\ " (Bajo Los Hielos, Chile, 2007) co-autor: Sergio Fritz Roa / Ensaio
- \ "Roteiro do Portugal Templário\ " (Letras e Magia, Brasil, 2007) Turismo
 - \ "História Mística do Brasil\ " (Centauro Editora, Brasil, 2007) Ensaio
 - \ "Codex Templi (Os Mistérios Templários à Luz da História e da Tradição\ " (Zéfiro, Portugal, 2007) participação como autor do capítulo XXX \ "Os Templários e o Brasil (Terra de Vera Cruz)\ " / Ensaio
- \ "O dia em que a Corte Portuguesa chegou ao Brasil\ " (Pulso Editorial, Brasil, 2007) Ensaio

- \ "Tomar (cidade templária)\ " (Edições Outrora, Portugal, 2007) Ensaio
 - \ "As Maiores Personalidades da História\ " (Universo dos Livros, Brasil, 2007) Primeiro Volume da Coleção \ "História Extraordinária do Mundo\ " / Ensaio
- \ "O Nascimento do Reino de Portugal\ " (Edições Chimpanzé Intelectual, Portugal, 2007) Ilustrações: Filipa Canhestro / Ficção Infantil
- \ "Templários (História Integral)\ " (Letras e Magia, Brasil, 2007) Ensaio
- \ "Dos Templários à Ordem de Cristo\ " (Via Occidentalis, Portugal, 2007) Ensaio
 - \ "As Maiores Civilizações da História\ " (Universo dos Livros, Brasil, 2008) Segundo Volume da Coleção \ "História Extraordinária do Mundo\ " / Ensaio
- \ "Aljubarrota: da Independência à Grande Batalha\ " (Edições Chimpanzé Intelectual, Portugal, 2008) Ilustrações: Filipa Canhestro / Ficção Infantil
 - \ "Los Templarios en España y Portugal\ " (Editorial Europa Viva, Espanha, 2008) Tradução: Maiquel da Costa Brito / Ensaio
 - \ "Os mais belos lugares para se conhecer (antes que eles acabem)\ " (Universo dos Livros, Brasil, 2008) Ensaio
 - \ "A Magia das Palavras\ " (LGE Editora, Brasil, 2008) Ilustrações: Fernando Reis / Ficção Infantil
- \ "Grandes Enigmas do Passado (Desvendando o Inexplicável)\ " (Pulso Editorial, Brasil, 2008) Ensaio
- \ "A Lança Sagrada de Hitler\ " (Universo dos Livros, Brasil, 2008) Ensaio
 - \ "Baphomet – um enigma templário\ " (Letras e Magia, Brasil, 2008) Ficção
 - \ "Ordem dos Assassini: os primeiros terroristas da humanidade\ " 1ª reimpressão (Pulso Editorial, Brasil, 2009) Ensaio
 - \ "Historia Misteriosa de España y Portugal\ " (Editorial Europa Viva, Espanha, 2009) co-autor: Jordi Buch Oliver / Tradução: Maiquel da Costa Brito / Ensaio
 - \ "Portugal (país de tradição)\ " (Ramiro Leão, Portugal, 2010) Ensaio
 - \ "Portugal Ancestral (Mitos e Mistérios)\ " (Prefácio, Portugal, 2010) Ensaio
 - \ "História Mítica de Portugal\ " (Editora Porto de Idéias, Brasil, 2010) Ensaio
 - \ "Mitos y Misterios del Mundo\ " (Ediciones Corona Borealis, Espanha, 2010) Ensaio
 - \ "Historia y Misterios de los Templarios\ " edição não venal (Euedito, Portugal, 2011) Ensaio
 - \ "Mitos e Mistérios Templários\ " (Editora Inverso, Brasil, 2011) Ensaio

- \ "Eu Mesmo\ " edição não venal (Euedito, Portugal, 2011) Ensaio
- \ "Primórdios Místicos de Portugal\ " (Ministério dos Livros, Portugal, 2011) Ensaio
- \ "Portugal - Apologia Humana e Lusitana\ " (Thebooksonthetable, Brasil, 2011) Ensaio
- \ "Enigmas de la Humanidad\ " (Ediciones Corona Borealis, Espanha, 2012) Ensaio